

Lançado no final de 2002, *Textos de intervenção* reúne escritos diversos e inéditos de Antonio Candido, incluindo críticas literárias publicadas em jornais, entrevistas e discursos proferidos em encontros no Brasil e na América Latina. Percorrendo cinco décadas – desde a primeira crítica publicada na *Folha da Manhã*, em 1943, até textos que datam dos anos 1990, *Textos de intervenção* recupera produções pouco conhecidas de uma carreira marcada pela concisão, responsabilidade e empenho.

A antologia permite a experiência rara de acompanhar, em ritmo diacrônico, o movimento vivo de nossa história, que transparece nos textos em diversos níveis: além das críticas de primeira hora de textos recém-lançados, onde é possível sentir a apreensão imediata de obras como *Grande sertão: veredas* e *Sagarana*, temos ainda, em quase metade da antologia, escritos de análise política e sociológica que enriquecem aqueles destinados à literatura. A antologia, organizada por Vinicius Dantas após um trabalho de pesquisa de quase duas décadas – do qual resultou ainda uma *Bibliografia de Antonio Candido*, lançada junto com *Textos de intervenção* – está organizada em quatro partes: “Direções”, trazendo textos teóricos e metacríticos; “Argumentos”, com análises propriamente ditas de textos em sua maior parte recém-lançados; “Conduta”, compilando textos de cunho sociológico e político; “Conjuntura”, que segue a mesma linha, optando, no entanto, por produções onde a parte ativa do intelectual mostra-se em todo seu vigor.

A riqueza do material é, portanto, evidente, e sua importância para a historiografia brasileira é inestimável. Comentemos cada uma das seções, apontando algumas de suas composições principais.

A primeira seção, “Direções”, aponta para as concepções metodológicas de Antonio Candido quanto à análise literária: esses apontamentos esquivam-se à doutrinação, pois como declara Antonio Candido, o crítico deve sempre “pressupor uma dúvida constante em relação aos métodos, única maneira de aplicá-los com proveito” (p. 56). Não obstante, como ressalta Vinicius Dantas, seria ingenuidade pressupor que o autor de *Formação da literatura brasileira* prescindisse de método. Muito pelo contrário: apenas a sobriedade, a cautela e uma vívida busca pelo conhecimento genuíno, assim como o respeito profundo pelo objeto estético, enquanto fonte de conhecimento, impedem-lhe de partir para seu objeto de análise com premissas prontas, que se buscasse apenas confirmar. Antonio Candido procura sempre reservar espaço para que o texto, durante a análise, traga surpresas e conduza o pensador a caminhos e iluminações históricas que ainda não haviam sido pensadas.

Isto nos leva, portanto, a um de seus principais pressupostos metodológicos: evitar o mecanicismo que procura o reflexo imediato do contexto histórico e da infra-estrutura na obra literária, bem como evitar ver a obra apenas em função desse contexto, optando por uma perspectiva dialética que consiga entrever o diálogo entre as duas instâncias. Situa-se pontualmente nesta questão um ensaio fundamental intitulado “Duas vezes a passagem do dois ao três”, onde duas versões de uma mesma introdução metodológica ao famoso ensaio “De cortiço a cortiço” são colocadas literalmente lado a lado. Nessas duas introduções, Candido polemiza a respeito do também famoso ensaio de Affonso Romano de Sant’Anna sobre *O cortiço*, de viés estruturalista. Embora reconheça a análise estrutural enquanto momento necessário e útil ao estudo acurado, Candido entende que deve haver algo mais que permita desvelar as implicações sociais das estruturas que porventura se encontrem na análise formal, caminhando na direção a que chegou Lukács, e depois Adorno, ao ver a “forma enquanto verdadeira manifestação do social na obra”, o que abre a possibilidade de análises ideológicas mais profundas. Os estratos ideológicos da obra não devem ser vistos enquanto meras manifestações reflexas: a obra, enquanto ela mesma manifestação ideológica, dialoga com outras esferas da superestrutura, dentre as quais, a mais importante, o próprio curso vivo da língua. Não por acaso, o ensaio “De cortiço a cortiço” toma como ponto de partida de análise da obra um pequeno

ditado popular que abre novas perspectivas de interpretação do romance, em uma aproximação que Roberto Schwarz, em ensaio sobre Antonio Candido, chamou de “estereoscópica”¹¹.

Candido não tanto opõe quanto assimila ao conceito de estrutura, tão em voga nos anos setenta, o conceito de *função*, em artigo intitulado “A literatura e a formação do homem”, de 1972, onde defende que a estrutura da obra e a História não são mutuamente exclusivas: a função da obra, ou seja, o processo de sua produção dentro de um contexto social, histórico e econômico específico deveria ser considerado enquanto momento necessário a toda atividade crítica: “a obra literária significa um tipo de elaboração das sugestões da personalidade e do mundo que possui autonomia de significado: mas esta autonomia não a desliga das suas fontes de inspiração do real, nem anula sua capacidade de atuar sobre ele” (p. 85). Para Candido, aquele que estuda a autonomia da obra deve se perguntar como aquela obra chegou a essa autonomia – historicizando a própria procura por autonomia dentro da arte, enquanto um dado histórico como qualquer outro, e vendo em quais sentidos e *de que modo ela é autônoma*. O próprio conceito de autonomia só existe enquanto relativo a determinada conjuntura.

Prova disso é o percurso de formação da literatura brasileira em sua busca de autonomia, esboçada no texto “Variações sobre o tema da *formação*”. Ficam claros nestes trechos, expressos na linguagem viva das entrevistas e conferências, alguns dos conceitos-chave do crítico e a importância e força que ainda possuem: dentre eles, a idéia de sistema literário, responsável pela polêmica circunscrição da análise em *Formação da literatura brasileira* ao Arcadismo e Romantismo: avesso aos reducionismos ou às soluções fáceis, Candido procura ver nos textos contradições sociais internalizadas na forma, ao invés de optar por uma leitura nacionalista ou colonialista das obras, segmentando-as de modo pouco proveitoso. Por isso, o crítico percebe no cosmopolitismo de muitas das manifestações da literatura brasileira algo que pode tanto assumir uma atitude alienadora que nos afaste de nossa realidade nacional, quanto significar uma maior compreensão de nosso papel na conjuntura mundial, carregando assim

¹¹ Schwarz, Roberto. “Adequação nacional e originalidade crítica”, em *Seqüências brasileiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 28.

uma qualidade emancipadora: da mesma forma, o regionalismo assume forma positiva enquanto valorização interna dos traços particulares e populares de nossa cultura, mas pode ser prejudicial quando compromete a visão real do país dentro de sua complexidade efetiva. Dentro desse pensamento, Antonio Candido conquistou grandes intelectuais, como o uruguaio Ángel Rama, o qual adotou o ponto de vista metodológico de Antonio Candido e passou a aplicá-lo “sistematicamente ao estudo da literatura latino-americana” (p. 115).

Na seção “Argumentos”, Antonio Candido aponta, em um texto datado de 1944, para a tendência na poesia brasileira da época ao lirismo intimista e alienado, privilegiando de forma totalitária e excessiva “a carícia poética, a solução feliz e sintética; a notação rápida; o despojamento excessivo (...) a fim de criar beleza acessível a uma elite intelectual e social enervada, gasta, ou a uma classe perdida pela sua imitação” (p. 132). Essa mesma consciência estética irá fazer com que, em outro texto, o crítico recomende ao estreante João Cabral de Melo Neto “o trabalho de olhar um pouco à roda de si, para elevar a pureza de sua emoção a valor corrente entre os homens” (p. 141), de modo a escapar do “individualismo e personalismo narcisista” que sua primeira publicação deixava entrever. Não obstante, o artigo é extremamente elogioso a esse poeta que, como que atendendo as indicações de Antonio Candido, iria se tornar o autor de “Vida e Morte Severina”.

Percebe-se, portanto, a qualidade de intervenção da crítica de Antonio Candido, profundamente preocupada com os problemas sociais de seu tempo – problemas que ainda persistem, em maior ou menor grau – mas nem por isso menos sensível à expressão legítima da individualidade poética. Incomoda-o apenas quando essa expressão é hipostasiada, tanto na crítica impressionista, tão em voga em seu tempo, quanto na formalista, que substituiu a primeira, em um movimento de extremos que não deixa de ter sua clara significação ideológica e política. Perpassando as duas tendências, Antonio Candido dá um claro testemunho de lucidez e maioridade intelectual: como declara em “Discurso num congresso de poetas”, é preciso evitar tanto a poesia que, na procura por emoções eternas e “parecendo exaltar o humano, nada mais faz do que atrofiá-lo” (p. 166), quanto a composição panfletária e imediatista que àquela época, 1948, mostrava seus efeitos na União Soviética.

Na seção “Conduta”, temos a incorporação da experiência vivida à reflexão: trata-se da documentação de um pensamento que encontra seus pares dentre grandes nomes como Sérgio Buarque de Holanda e Florestan Fernandes. Nesta seção encontramos textos que combatem a compartimentalização do conhecimento, colocando o próprio papel do intelectual à prova, em uma tentativa de devolver a inteligência e a ciência aos interesses gerais da sociedade; os textos articulam-se dentro de um movimento de integração de diversas áreas do conhecimento, em forte postura crítica contra o dogmatismo e a miopia reacionária.

Em “Plataforma da nova geração”, Antonio Candido distingue três problemas fundamentais do Brasil à época, no ano de 1945: as filosofias idealistas, a sociologia cultural e a literatura personalista. Desta última, já tivemos ocasião de falar. Quanto à primeira, o pensamento essencialmente marxista de Antonio Candido identifica na filosofia idealista apenas “aventuras espirituais”, uma busca de essências que escondem os problemas imediatos e reais da sociedade e da coletividade: “não se trata aqui propriamente de reconhecer ou negar valores em si, mas de perguntar até que ponto, nos tempos que correm, esses valores podem servir, não ao problema agonístico ‘do Homem’, mas à condição, à situação imediata ‘dos homens’”. Quanto à sociologia cultural, Antonio Candido distingue na obra de Gilberto Freyre um sentimentalismo social e histórico inadmissível, no qual se combina progresso com o mais forte reacionarismo, aceitando a sociedade brasileira e sua estratificação racial enquanto inevitabilidade funcional e fazendo com que “o mesmo movimento que leva a gostar das goiabadas das tias e dos babados de prima fulana leve gostosamente a uma democracia patriarcal etc.”.

Dentro dos textos da seção, há um escrito surpreendente intitulado “Preconceito arcaico”, e que dá em exata medida a lucidez do autor de que aqui nos ocupamos. Começa assim: “como diz o outro, o preconceito é o diabo. Tanto mais quando as sociedades humanas até hoje não foram capazes de se estruturar nem se organizar sem ele, isto é, sem alguma forma de negar o próximo. Daí a necessidade de combater o preconceito a cada instante e daí sua persistência na história, sob formas sucessivas” (p. 282). O tom coloquial do começo do artigo introduz a questão do preconceito, que será desenvolvida a partir da menção à seguinte polêmica: um general da época criticou um cardeal de sobrenome “Arns”,

após críticas deste à entrada do Brasil no “mercado da morte”, ou seja, no comércio de armas e material bélico no ano de 1982. O general acusou o cardeal de ser mau brasileiro, e de que “talvez nem fosse brasileiro”. A partir desta declaração, Candido inicia sua exposição, lembrando um antigo preconceito que, embora arcaico, ainda transparece vivo na fala do general: trata-se da concepção de que aquelas pessoas descendentes de estrangeiros ou com sobrenome não-português não são brasileiras. Procurando um argumento que redimisse e convencesse o general de seu equívoco, Candido lembra a participação do Brasil na segunda guerra, em especial o primeiro piloto da força aérea que morreu em serviço, chamado Roland Von Rittmeiter: a força expedicionária da qual participava o piloto tinha um grande expediente de pilotos teuto-brasileiros, com seu sotaque característico. Alguns mataram “patrícios de seus pais, avós ou bisavós, em cujas tradições foram educados e cuja língua geralmente falavam” (p. 285). A esta altura, vem a conclusão inevitável: a luta do cardeal Arns contra a entrada do Brasil no “mercado da morte” o torna um dos maiores brasileiros vivos.

A fina elaboração desse artigo de jornal até há pouco desconhecido e agora disponível aos leitores exemplifica a capacidade de Antonio Candido de resgatar aspectos pouco iluminados nos fatos da história, reelaborando o que em geral é contado com a omissão de determinadas perspectivas. Outra composição que se presta a esse resgate da história não-oficial está em “Duas heroínas”: aqui, o crítico relata separadamente as histórias de duas ex-escravas brasileiras que, embora não estejam relacionadas, servem ao mesmo propósito de retratar no prisma da individualidade e de casos particulares o espectro de traumas e superações coletivas; “se evoco estas duas figuras do passado, é por achar que na memória das comunidades não devem ficar apenas (...) as letras maiúsculas, que sobressaem na página e comandam os períodos; mas também o batalhão modesto das minúsculas, que formam o miolo da história e por vezes exprimem o que há nela de mais humano” (p. 296).

Na seção “Conjuntura” estão análises do contexto nacional em diversos momentos, junto a proposições políticas que visam criar maiores condições de igualdade social. Fica à mostra aqui a face ativa do intelectual, em discursos proferidos no PSB e em artigos publicados na *Folha Socialista*. No texto que encerra a compilação, “O tempo do contra”, encontra-

mos uma bem humorada descrição daquilo que Candido chama de “civilização do contra”. Neste discurso, a reabertura política e os desafios e perigos que viriam junto com ela são apontados, chamando a atenção para a necessidade de uma postura de resistência e de cautela por parte do intelectual: “Eu não sou pessimista a longo prazo, eu sou pessimista a prazo curto” (p. 375).

As produções de *Textos de intervenção* permitem que se veja o pensamento de Antonio Candido em sua expressão viva: trata-se de composições que procuram participar ativamente do pensamento nacional. Representam o movimento ágil de um escritor para quem a profundidade da análise deveria vir do reconhecimento do contraditório enquanto nervo da vida e da realidade. Testemunham sua honestidade intelectual e complementam sua obra, situando-o como uma dos maiores intelectuais brasileiros do século XX.